

DESFAZER UM CORPO DOCENTE, UMA EXPERIÊNCIA COM A CARTOGRAFIA DRAMATURGICA

Prof. Me. Diego Fogassi Carvalho (1); Prof. Dr. Cynthia Farina (2)
IFSUL campus Pelotas
diegofc15@hotmail.com
cynthiafarina@pelotas.ifsul.edu.br

Resumo: Este artigo se dá no desfazimento e reconstituição de saberes e corpos. O professor que se percebe em processo de formação e em busca de movimento. A pesquisa a que se refere a este texto acompanha experiências de oficinas de teatro realizadas pelo professor e dela para um processo de desfazimento para a criação de uma dramaturgia. Ela buscou compreender as relações do teatro, da filosofia e da sala de aula para com a ideia de corpo, problematizando-os. Com as vozes de Guattari, Lipovestky, Foucault e Deleuze o artigo busca pensar na constituição de um corpo coletivo para uma outra prática, prática de um Corpo sem Órgãos (Artaud, 2006 e Deleuze e Guattari, 2012). A partir daí, propõe-se, então, uma dramaturgia, uma Cartografia Dramatúrgica, que busca acolher potências em circulação na sala de aula, para com elas, recriar-se.

Palavras-chave: Teatro; Formação; Corpo Sem Órgãos; Cartografia Dramatúrgica.

DESFAZER UM CORPO DOCENTE

Este artigo deriva de uma pesquisa que acontece na construção de corpos. Aqui, o corpo em que o pesquisador foca sua atenção é constituído de um corpo de sala de aula de teatro. Busca agenciar as inúmeras forças presentes nas oficinas de teatro, ministradas pelo autor desta pesquisa. Os alunos que aqui fazem parte desta pesquisa servem como estímulos para a escrita, porém, assim como o próprio pesquisador, esta produção busca ir para além destes sujeitos.

Não buscaremos através desta escrita apontar ‘a verdade’ sobre o corpo ou professor, ao contrário, citando Larrosa (2015) não se trata de revelar um saber pelo texto e sim fazer uma experiência por ele, perceber para onde o texto se dirige. E, deste encontro com o texto, o corpo do professor que se desfaz.

Nesta cartografia que perpassa uma sala de aula propor esta realocação para além de uma subjetividade que forma os corpos, para que este professor que se pesquisa, possa desfazer-se. Promover que o próprio autor experimente a si e a vida pela escrita e pela leitura. Pela escrita que não é um registro de suas aulas, mas uma reinvenção de sua prática.

O que forma os corpos? Quais forças subjetivam e moldam os sujeitos que nesta escrita estão imbricados? O artigo busca tangenciar algumas das forças e modos de subjetivação que formam os corpos desta aula de teatro. Através de uma conversa com Guattari e Lipovestky pensamos nestas subjetivações que

formam os corpos, para que, por meio da experiência com a literatura, com a dramaturgia, propor uma forma de desfazer os corpos.

Movimento I - Corpos

Compreender algumas das forças que moldam os sujeitos na contemporaneidade, como muitas vezes não permitem maneiras de viver de forma diferente, ou ainda, que conduzem a formação dos sujeitos é a tentativa que iremos alçar neste momento, como forma de um cuidado de si, de uma tecnologia de si em busca de uma ascense a verdade (FOUCAULT, 2017) que dar-se-á pela escrita. Mas o que forma estes corpos?

Com Guattari podemos pensar um pouco mais sobre o que nos subjetiva na contemporaneidade. Ele, em seu livro “as três ecologias” (2012), busca também pensar na formação do sujeito, como esta busca por uma individualização que busca ser guiada e conduzida por um modo de ser dominante, guiado pelo Capitalismo Mundial Integrado, o CMI (GUATTARI, 2012). Este CMI circula e move os desejos e formação subjetiva dos sujeitos, porém, o CMI não é um ser a parte, é composto, formado, conduzido e tem sua manutenção conosco. Somos conduzidos e condutores dele. Mas como fazer então para que este corpo desejoso por revolução possa experimentar para além desta subjetivação? O autor indaga sobre este modo de ser no mundo contemporâneo que necessita urgentemente rever-se para viver com qualidade para com o planeta e os sujeitos. Assim como o Guattari, o professor percebe esta urgência de uma nova forma de vida consciente do mundo e de si, próximo a ideia foucaultiana de um cuidado de si (2017) possa ser potência para uma experiência de vida diferente.

Esta contemporaneidade apresenta-nos a um modo de vivermos. Vivemos em tempo que o Capitalismo busca ser a única referência de existir no mundo, capturando não apenas nossas formas físicas, mas nosso pensamento e forma de se relacionar consigo. Lipovestky (2015) apresenta, em consonância com o CMI, o conceito de “Capitalismo Artista”, que mostra que não apenas nosso consumo, mas nossa maneira de sentir o mundo é produzida antes de nós mesmos. Produzidos por sensações prontas, numa hipermoderna e acelerada forma de se colocar no mundo, somos capturados desde a forma de desejar e pensar, conduzidos a viver e querer formas de se estar no mundo hegemônico, ainda que, em discurso do próprio sistema, pregamos as individualidades, identidades particulares. “O consumo com componente estético adquiriu uma relevância tal que constitui um vetor importante para a

afirmação identitária dos indivíduos.” (LIPOVESTKY, 2015, p.31)

Buscamos explorar formas de criar um corpo que não se limite nesta velocidade de produção e busca de ganhos pessoais, mas para além disso, que seja um corpo em produção de si e de pensamentos, habitado pela crueldade, de Artaud, por intensidades. Crueldade aqui, como: “Uso da palavra crueldade no sentido de apetite da vida, de rigor cósmico e de necessidade implacável, no sentido gnóstico de turbilhão de vida que devora as trevas, no sentido da dor fora de cuja necessidade inelutável a vida não consegue se manter...” (ARTAUD, 2006, p. 119).

A crueldade, como uma nova relação com o teatro e com a vida. Como fazer para ter este apetite pela “vida em seu estado bruto” (ARTAUD, 2006, p. 119)? Como tentar fazer então para que as aulas de teatro possam ir além destes modelos? Como fazer para desacelerar este tempo para que os sujeitos possam ter outras experiências com a arte? Se busca uma forma de subtrair, tirar a racionalidade e permitir outras sensações. Como Deleuze, ao se referir ao teatro de Carmelo Bene: “A subtração dos elementos estáveis de poder, que vai liberar uma nova potencialidade no teatro, uma força não representativa sempre em desequilíbrio”. (DELEUZE, 2010, p.33). Produzir sensações ao invés de apenas sentidos, para que os corpos acostumados ao modo de vida do capitalismo artístico possam viver experiências variadas, ou pelo menos, que façam variar as suas experiências. Mas como fazer para estes sujeitos experimentarem outras relações, para subtrair estas forças e viver nesta possibilidade de desequilíbrio?

Nos modos de subjetivações contemporâneo, precisamos pensar em outras formas, outros processos de formação que permitam maneiras de viver para além dos modos do capitalismo artístico. Não para vivermos ‘à margem’, ‘alternativamente’, mas para podermos experimentar formas de viver que possam ser povoadas de outras potências.

Movimento II – Experiências

Larrosa (2012), nos apresenta a ideia de experiência. Um tipo de experiência que se busca em algumas práticas teatrais. A experiência que nos interessa não é vendável, consumível, ao contrário, a experiência a qual voltaremos nossos corpos é justamente está ‘opaca e confusa’; esta que está além da nossa confortável repetição de sentimentos. A experiência não é uma ação: “é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” (LARROSA, 2015, p.18). Pensarmos nela como paixão, e não como ação, pois ela não depende de um sujeito que aja para acontecer, nem de uma

passividade completa para se instaurar, a experiência necessita deste movimento passional, que seja receptivo e ativo, ao mesmo tempo, para com a experiência.

Através da escrita de si, desta forma potente de escrever no papel estes corpos, buscaremos dar voz ao desfazimento das certezas, de verdades, uma poética de “um manifesto do menos” (DELEUZE, 2010) para que possamos ver emanar as potências existentes nos sujeitos.

As experiências aqui cartografadas são das implicações de um corpo que se desfaz, de um professor que percebe um desejo de movimento e move-se. Um corpo que possibilite formas de viver intensidades, potências de existir, conforme Artaud, uma recusa de fixação de ser, da petrificação do sujeito para um movimento de recusa de não vida, “...eu não sinto o apetite da morte, eu sinto o apetite de não ser.. ” (ARTAUD apud FELICIO, 1996, p.7). Movimentos de um corpo/ser que converse com as relações de um professor com sua prática docente e artística, permitindo, por acontecimentos que tangenciam outras experiências, novas formas de se posicionar e ser no mundo, para além dos modelos prontos.

Então, o professor se desfaz, artigo se desfaz e se recria em um texto, uma dramaturgia de teatro onde, nas palavras, professor se põe em movimento, movimento de desfazimento:

Movimento III – Fricções

O professor então solicita para que seus alunos caminhem pelo espaço, andem procurando preencher todos os cantos da sala. Os alunos percebem que o espaço esta habitado por muitos vazios, o que fazer para estar nestes vazios? Uma palma do professor e tudo para. Os olhares parecem ser de reprovação, mas o professor não procura julgar.

-Experimentem nestes espaços, busquem habitar em todos os vazios desta sala. Diz o professor.

Mas, o que seria o vazio desta sala? Apenas uma condição geográfica espacial onde os alunos experimentam? Uma correlação com o palco teatral onde os alunos têm que ter consciência do mesmo? Tudo isso e para além disso. Como fazer para que o meu corpo, cotidiano, habituado, possa estar pleno em toda esta sala? Como fazer para habitar no vazio?

-Mas é difícil professor, eles ainda estão todos neste mesmo lado. Comenta um aluno.

-Você também está neste mesmo lado, busquem explorar, busquem saber que este espaço também faz parte do corpo de vocês, tenho consciência dos limites de onde o espaço toca o corpo de vocês e se funde. O que posso fazer para que meu corpo se expanda? Como fazer para que este espaço seja habitado por estas forças que habitam em mim? Como fazer para compreender o vazio do espaço e o vazio em mim? Como ser um com isso tudo? Indaga o professor.

O professor então pega seu caderno e começa a escrever, também seu papel, sua escrita são forças de um só corpo. Os alunos temerosos começam a experimentar. Percebem que o espaço pode ser menor quando permitem que o corpo possa explorar suas linhas e irem para além dela.

Palma

....

Silêncio

....

O tempo para

Uma eternidade parece passar neste momento. Suor e tremores se apossam dos alunos que permanecem tentando estar imóveis. Mas que tipo de imobilidade é possível quando o corpo vibra? Não mais que um minuto, porém um minuto parado quando o corpo busca a plenitude parece terrivelmente maior. Dor. Os alunos viram como Alice de Lewis Carrol no país das maravilhas, grande e pequena, prendem-se em um paradoxo que furta o presente. “Alice não cresce sem ficar menor e inversamente. [...], mas o paradoxo é a afirmação dos dois sentidos ao mesmo tempo” (DELEUZE, 2015, p1). A dor de permanecer em movimento na imobilidade.

-Enquanto vocês caminham pelo espaço iremos buscar outras formas, outras maneiras. Peço que escutem os estímulos e transformem estas informações em atitudes, construam com o corpo de vocês elas, façam que estes limites do corpo se expandam e construam algo novo, atravessados pelo que o estímulo provoca em vocês. Orienta o professor.

Os alunos seguem caminhando pelo espaço, agora além de perceberem-se, devem buscar se construir através destes estímulos. O professor após alguns comandos, grita

- Vazio cheio...

Alguns alunos de repente param, não sabem o que fazer e desistem, ainda não é o momento de criarem algo na cena, na oficina. Talvez não queiram estar abertos para os estímulos sem ser na forma racional que estão habituados, ou talvez não tenham compreendido os estímulos. Alguns ainda seguem, produzem corpos grandes, cheios de nada... Corpos vazios plenos... Corpos que, como Lygia Clark propunha, tenham “a relação de totalidade que unia o interior à forma externa” (CLARK, 1960). Pele porosa em um espaço vazio de criação. Como Peter Brook (2015), os atores desta escrita precisam do espaço vazio para a criação, para se criarem.

O que pode um sujeito que deixa seu corpo ser afetado por outras forças e dela se permite esvaziar-se de si? O que pode um corpo de aluno e de professor quando, em sala de aula, cria-se para fora do si? Esta cartografia dramatúrgica, tal como a vida, não se fecha neste ponto final, ao contrário, ela também é movimento, movimento que não cessa de fluir.

Artaud, assim como Deleuze e Guatarri, trazem então a ideia de CsO. Um corpo habitado por potências e intensidades. Um CsO não é um espaço limitado, que pode ser controlado, ele é puro desejo. O que pretendemos aqui é justamente pensar nesta destruição de si para podermos nós aproximar de uma prática de CsO, para Artaud (2006), um corpo de ator que é cruelmente cheio de potencialidades de vida.

Ao lermos as experiências que estão escritas na forma de Cartografia Dramatúrgica, percebemos o movimento de busca de uma outra possibilidade de corpo. Observamos este movimento de estimular em si e nos alunos formas de não formas, de fugir destes padrões. Professor e aluno são interpelados por outras experiências de corpos, corpos para além daquilo que somos formados pelo capitalismo artístico. Para além das aulas de teatro, os sujeitos que aqui estão envolvidos são levados a se desfazerem para serem potências.

Esta pesquisa não busca apontar resultados, o que ela busca é produzir atritos. A faísca que se produz em produzir novos corpos é de justamente podermos estar prontos para incendiar os corpos duros, falsos, formados e, deste fogo, irmos em busca daquilo que Artaud buscava e chamava de “existência”.

Referências

- ARTAUD, Antonin. **O teatro e seu duplo**. São Paulo: Martins Fontes, 2006
- BROOK, Peter. **O Espaço Vazio**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2015.
- CLARK, Lygia. **O vazio pleno**. Disponível em: <http://issuu.com/lygiac Clark/docs/1960-o-vazio-pleno_p/2?e=0> , <1960>. Acesso em: 15 de outubro de 2017.
- DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. **Mil platôs vol. III: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Editora 34, 2012.
- DELEUZE, Gilles. **Lógica dos sentidos**. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- DELEUZE, Gilles. **Sobre o Teatro: Um manifesto de Menos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- FELICIO, Vera Lúcia. **A Procura da lucidez em Artaud**. São Paulo: Perspectiva, 1996.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade vol. II – Uso dos Prazeres**. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2017.
- GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Campinas: Papyrus, 2012
- LAROSSA, Jorge. **Tecnologias do eu e educação**. In: Silva, Tomaz Tadeu. O sujeito da educação. Petrópolis: Vozes, 1994, p.35-86.
- LAROSSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

LIPOVETSKY, Gilles. **A estetização do mundo: Viver na era do capitalismo artista.** São Paulo: Cia das Letras, 2015.

